

## EDITORIAL LAZER E CINEMA

Christianne Luce Gomes

Universidade Federal de Minas Gerais – CNPq – FAPEMIG  
Grupo de Pesquisa LUCE – Ludicidade, Cultura e Educação

Mauro Myskiw

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física – GESEF

“Lazer e cinema” foi a temática escolhida para este dossiê da Revista Brasileira de Estudos do Lazer, devido ao encanto que muitos filmes provocam nas pessoas desde a invenção do cinematógrafo, no final do século XIX. Ainda que muitas pessoas não abram mão de assistir a um filme projetado na enorme tela de uma sala escura, com o avanço e com a popularização das tecnologias, cada vez mais são utilizados outros meios para acessar as produções cinematográficas brasileiras e estrangeiras: TV, computador, *tablet* e até um pequeno aparelho celular.

Essas novas possibilidades são relevantes porque a maioria dos municípios de países como o Brasil não contam com muitas salas de cinema e, quando as possuem, estão localizadas majoritariamente em shopping centers, que privilegia os filmes *blockbusters*. Produzidos em Hollywood para o consumo massivo, esses filmes são aqueles que mais alcançam o público interessado no cinema, essa experiência de lazer que continua cativando homens e mulheres, meninos e meninas de várias partes do mundo. Devido ao alcance do cinema ontem e hoje, essa foi a temática que mobilizou este dossiê.

Já se observa uma ampla produção acadêmica no sentido de mostrar a relevância do cinema e do lazer na constituição social e cultural de cada sujeito e de cada sociedade, o que nos autoriza a afirmar que ação de assistir a um filme, ainda que seja como um entretenimento, não se trata de banalidade do ponto de vista da formação humana. Afinal, as situações prazerosas que se consubstanciam na relação do espectador com diferentes aparatos de sons e de imagens em movimento que compõem as narrativas fílmicas, despertam interesses e expectativas de fruição estética, podendo fomentar diálogos e instigar reflexões sobre as “pautas” retratadas nas telas. Daí a importância de compreender o cinema na perspectiva do lazer, o que é abordado neste dossiê com a contribuição de estudiosos apaixonados por essa arte. Os textos aqui apresentados tomam como elementos de articulação três relevantes questões: gêneros femininos e masculinos; corpos e estéticas; vida de trabalho e de lazer.

O primeiro texto é de autoria coletiva: Christianne Luce Gomes, Maria de Fátima Queiroz Costa Maia, Mariana Cordeiro Silva e Renata Gontijo selecionaram um filme brasileiro para colocar em evidência as representações das mulheres no longa metragem “Para minha amada morta” (Brasil, 2016). Elas buscam verificar se a narrativa deste filme apresenta possibilidades de empoderamento feminino e investigam o que prevalece quando as situações envolvem diretamente as mulheres. Articulando diferentes fontes de análises, as autoras propõem um olhar minucioso para as elaborações do roteiro e das cenas do filme (personagens, textos, sons, cores, luzes e enquadramentos). Com isso, buscam compreender de que maneira se constroem diferentes modos e significados atribuídos às mulheres, o que é perpassado por relações de poder que se inserem e conferem sentidos nos dramas da vida cotidiana.

Fundamentando-se nos conceitos sistematizados por Hans Ulrich Gumbrecht na obra “Elogio da beleza atlética” (2006), Elcio Loureiro Cornelsen se dedica ao estudo dos modos como a beleza atlética foi tratada pelo cinema de seus primórdios, até 1936. Sua análise envolve documentários e filmes que tematizaram os Jogos Olímpicos na Era moderna, com destaque para o filme *Olympia*, este repleto de intencionalidade política e ideológica, pois, retrata um contexto em que Hitler estava à frente da Alemanha e do partido nazista. O trabalho é rico em mostrar como a narrativa filmica – ao incorporar recursos de planos, ângulos, eixos, sincronia, trilhas sonoras – vai aprendendo no próprio universo do esporte sobre o potencial estético do corpo atlético, para além do caráter documental. As descrições trazidas no texto evidenciam claramente esse movimento de aprendizagem e transformação, quando não apenas os produtos finais das ações são importantes, mas todo o processo estético da sua construção corporal, o que se desenvolve também numa mesa de edição.

Mariana Mól Gonçalves, em seu texto, analisa o filme “Viajo porque preciso, volto porque te amo” (Brasil, 2009). Este é um filme “de estrada”, ou *Road Movie*, gênero cinematográfico estadunidense criado na década de 1960 que focaliza a viagem e é marcado pela passagem, pela errância, pelo deslocamento. Esse tipo de filme vem sendo mais recorrente na América Latina desde os anos de 1990, tendo o “relato mínimo” como uma das suas principais características. De acordo com a autora, o relato mínimo relaciona-se com a narrativa do filme do ponto de vista formal, de poucos procedimentos técnicos e narrativos. A leitura do texto é, nesse sentido, intrigante não apenas pelos dramas que descreve, mas principalmente porque leva o leitor a perceber de que forma uma narrativa trabalha para colocar em discussão a “vida de trabalho” e a “vida de lazer” na formação e na transformação de uma pessoa... neste caso, de um viajante.

Como se vê, os textos que compõem este dossiê trazem elementos interessantes para que possamos refletir sobre os filmes que assistimos em nosso dia a dia e, ao mesmo tempo, sobre os lazeres e suas possibilidades de formação humana instigadas pelo cinema.